

CAPÍTULO 1

Vens para os Meus Lados?

A área de recolha de bagagem dos voos internacionais do aeroporto de Bruxelas era grande e airosa, com múltiplos tapetes rolantes em movimento contínuo. Corri desesperadamente de um para outro, tentando encontrar a minha mala preta. Como estava cheia de dinheiro da droga, sentia-me mais preocupada do que seria normal com a perda da bagagem.

Eu tinha vinte e quatro anos em 1993 e parecia talvez apenas mais uma jovem profissional ansiosa. Havia trocado as minhas *Doc Martens* por uns bonitos sapatos de tacão em camurça preta, feitos à mão. Vestia calças de seda preta e um casaco bege, uma *jeune fille* típica, nada contracultural, a não ser que se reparasse na tatuagem que tinha no pescoço. Fizera exatamente como me disseram, despachando a mala em Chicago via Paris, onde tinha de mudar de avião para um voo curto até Bruxelas.

Quando cheguei à Bélgica, procurei a minha mala na recolha de bagagens. Não a via em lado nenhum. Combatendo um crescente fluxo de pânico, perguntei no meu estropiado francês de liceu o que tinha acontecido à minha mala. «Por vezes, as malas não vêm com o voo que deviam», disse o grande idiota do serviço de assistência a bagagens. «Espere pelo próximo voo de Paris, o mais certo é vir nesse avião.»

Teriam descoberto a minha mala? Eu sabia que transportar mais de dez mil dólares sem os declarar era ilegal e, pior ainda, fazê-lo para um barão da droga da África Ocidental. Suspeitariam de mim as autoridades? E se tentasse passar pela alfândega e fugir? Mas talvez a mala estivesse apenas atrasada e eu fosse, assim, abandonar uma grande soma em dinheiro que pertencia a alguém capaz de me mandar matar só com um telefonema. Decidi que a última hipótese era um pouco mais aterradora. Portanto, esperei.

Chegou, por fim, o voo seguinte de Paris. Aproximei-me timidamente do meu novo «amigo» da assistência a bagagens, que estava a arrumar coisas. É difícil tentar seduzir alguém quando temos medo. Vi a mala. «*Mon mala!*», exclamei extasiada ao pegar nela. Agradei-lhe efusivamente, acenando com atarantada simpatia ao atravessar uma das portas automáticas na direção do terminal, onde vi o meu amigo Billy à minha espera. Nem me apercebi de que não passara pela alfândega.

«Estava preocupado. Que aconteceu?», perguntou o Billy.

«Chama um táxi!», sussurrei.

Só voltei a respirar depois de nos afastarmos do aeroporto, a meio do caminho para Bruxelas.

No ano anterior, a cerimónia da minha formatura na Smith College decorrera num perfeito e típico dia de primavera da Nova Inglaterra. No pátio banhado de sol, gaitas de foles gemiam enquanto Ann Richards, a governadora do Texas, nos exortava, a mim e às minhas colegas de turma, a mostrarmos ao mundo as grandes mulheres que éramos. A minha família mostrou-se orgulhosa e radiante quando recebi o diploma. Os meus pais, separados de fresco, portaram-se muito bem; os meus nobres avós sulistas estavam encantados por verem a sua neta mais velha de capelo de formatura, rodeada de privilegiadas jovens brancas de elite; o meu irmãozinho aborrecia-se de morte. As minhas colegas mais organizadas e resolutas foram para cursos de pós-graduação ou para primeiros empregos em organizações sem fins lucrativos, ou então regressaram às suas terras natais — algo nada invulgar no auge da maior recessão do primeiro Bush.

Já eu mantive-me em Northampton, no Massachusetts. Tinha-me especializado em teatro, apesar do ceticismo do meu pai e do meu avô. Vinha de uma família que dava grande valor à educação. Éramos um clã de médicos, advogados e professores, à mistura com um ou outro enfermeiro, poeta ou juiz. Ao fim de quatro anos de estudo, ainda me sentia uma diletante, pouco qualificada e desmotivada para uma vida no teatro; não tinha, porém, um plano alternativo para seguir estudos académicos, ou uma carreira séria, ou o caminho mais fácil: um curso de direito.

Eu não era preguiçosa. Durante o curso, sempre trabalhei arduamente em restaurantes, bares e discotecas, conquistando a simpatia dos meus patrões e colegas com o meu esforço, o meu bom humor e a minha disponibilidade para fazer dois turnos seguidos. Esses empregos e

essas pessoas eram mais a minha onda do que muitas das que conheci na universidade. Estava contente por ter escolhido a Smith, uma instituição cheia de mulheres inteligentes e dinâmicas. Mas já tinha cumprido o que, por nascimento e meio social, me era exigido. Tinha-me fartado dos limites seguros da Smith, terminando o curso mesmo à justa, e havia muito tempo que ansiava por viver, experimentar, investigar. Chegara a altura de viver a minha própria vida.

Eu era uma jovem bostoniana instruída, sequiosa de contracultura boémia e sem nenhum plano concreto. Mas não sabia o que fazer com todo o meu reprimido anseio de aventura nem como tirar partido do meu desejo de correr riscos. Não possuía nenhuma inclinação científica ou analítica, valorizava mais a capacidade artística, o esforço e a emoção. Partilhei um apartamento com uma colega de teatro e com a sua namorada, uma artista doida, e arranjei um emprego a servir à mesa de uma microcervejaria. Convivi com outros empregados de mesa e de bar e com músicos, todos igualmente casadoiros e sempre vestidos de preto. Trabalhávamos, dávamos festas, nadávamos nus ou andávamos de trenó, fodíamos, às vezes apaixonávamo-nos. Fazíamos tatuagens.

Desfrutei de tudo aquilo que Northampton e o Pioneer Valley tinham para oferecer. Corri em quilómetros e quilómetros de caminhos rurais, aprendi a subir uma escada íngreme com uma dúzia de canecas de cerveja, entreguei-me a numerosos pécadilhos românticos com raparigas e rapazes apetecíveis e, nos dias de folga ao longo do verão e do outono, fiz excursões até à praia, em Provincetown, a meio da semana.

Quando o inverno chegou, comecei a sentir-me inquieta. As minhas amigas da universidade falavam-me dos seus empregos e das suas vidas em Nova Iorque, Washington e São Francisco e eu perguntava-me que diabo andava a fazer. Sabia que não ia regressar a Boston. Amava a minha família, mas queria evitar por completo as repercussões do divórcio dos meus pais. Olhando para trás, um bilhete de EuroRail ou um período de voluntariado no Bangladesh teriam sido opções fantásticas, mas permaneci enclalhada no Valley.

Do nosso amplo círculo social fazia parte um grupo de lésbicas de trinta e poucos anos, incrivelmente modernas e estilosas. Estas mulheres mais velhas, mundanas e sofisticadas, faziam-me sentir uma timidez atípica, mas quando algumas se mudaram para o apartamento ao lado, tornámo-nos amigas. Uma delas era Nora Jansen, uma mulher da região Centro-Oeste com voz rouca e juba encaracolada, de um castanho cor de areia. A Nora era baixa e parecia-se um pouco com um buldogue francês ou talvez com uma Eartha Kitt branca. Tudo nela era

engraçado: a sua voz áspera, arrastada e zombeteira, o modo como empertigava a cabeça para olhar para nós por debaixo da juba com os seus vivos olhos castanhos, até a forma como segurava o omnipresente cigarro, de pulso fletido e pronto a mover-se. Tinha uma maneira divertida e atenta de nos pôr a falar e, quando nos dava atenção sentíamos como se ela estivesse prestes a partilhar connosco uma piada pessoal. Nora era a única daquele grupo de mulheres mais velhas que me dava alguma atenção. Não foi propriamente amor à primeira vista, mas em Northampton, para uma rapariga de vinte e dois anos à procura de aventuras, ela era uma figura intrigante.

E então, no outono de 1992, Nora desapareceu.

Reapareceu depois do Natal. Desta vez, alugou sozinha um apartamento grande, com mobília nova em folha ao estilo *Arts and Crafts* e uma bruta aparelhagem de som. Todas as outras pessoas que eu conhecia sentavam-se em sofás comprados em segunda mão, que partilhavam com colegas de quarto, ao passo que Nora esbanjava dinheiro de forma espalhafatosa.

Convidou-me para tomar um copo, só nós as duas, o que era inédito. Seria um encontro romântico? Talvez, porque me levou para o bar do Hotel Northampton, o mais parecido que havia na zona com um sofisticado bar de hotel, pintado de verde-claro com gelsias brancas por todo o lado. Pedi nervosamente uma *margarita* com sal e Nora arqueou uma sobrancelha.

«Está frescote para isso, não?», comentou e pediu um whisky.

Era verdade, os ventos de janeiro estavam a tornar o oeste do Massachusetts pouco convidativo. Devia ter pedido algo escuro num copo mais pequeno; a minha *margarita* gelada parecia-me agora ridícula-mente juvenil.

«O que é isso?», perguntou, apontando para a pequena caixa de metal que eu pusera em cima da mesa.

A caixa era amarela e verde e havia originalmente contido pastilhas de limão amargo. Na tampa, Napoleão olhava para oeste, identificável pelo chapéu bicorne e pelas dragonas douradas. A caixa servira de porta-moedas a uma mulher da classe alta que eu tinha conhecido na Smith e que era a pessoa mais estilosa que já vira. Estudava Artes, não vivia no *campus*, era trocista, curiosa, amável e supermoderna, e um dia, depois de eu lhe elogiar a caixa, deu-ma. Tinha o tamanho perfeito para um maço de tabaco, a carta de condução e uma nota de vinte. Quando tentei tirar dinheiro da minha adorada carteira metálica para pagar a rodada, Nora declinou com um gesto.

Por onde é que ela andara durante tantos meses, perguntei, e Nora dirigiu-me um rápido olhar de avaliação. Explicou-me calmamente que se tinha envolvido num negócio de tráfico de drogas com um amigo da sua irmã que tinha «contactos» e que havia ido à Europa para ser formalmente treinada nas técnicas do submundo por um negociante norte-americano que também tinha «contactos». Transportara droga para os Estados Unidos e fora generosamente paga pelo seu trabalho.

Fiquei completamente banzada. Porque é que me estava a contar isto? E se eu fosse à polícia? Pedi outra bebida, meio convencida de que Nora inventara tudo aquilo, e que aquela era a tentativa de sedução mais descabelada de todos os tempos.

Eu conhecera uma vez a sua irmã mais nova, quando esta a veio visitar. Chamava-se Hester, interessava-se pelo oculto e deixava atrás de si um rasto de amuletos e berloques de penas feitos com ossos de galinhas. Pensei que era apenas uma versão feiticeira e heterossexual da irmã, mas Hester era, pelos vistos, a amante de um poderoso narcotraficante da África Ocidental. Nora contou como viajara com a irmã até ao Benim para conhecer este homem, que dava pelo nome de Alaji e era espantosamente parecido com MC Hammer. Ficou alojada na propriedade dele, testemunhou e foi alvo dos cuidados de um «médico-curandeiro», sendo agora considerada sua cunhada. Tudo aquilo parecia escuro, horrível, assustador, selvagem — e incrivelmente excitante. Mal podia acreditar que ela, a guardiã de tantos segredos pavorosos e tentadores, mos estivesse a confidenciar.

Era como se, ao revelar-me os seus segredos, Nora me tivesse unido a si própria, e um processo de sedução teve secretamente início. Ninguém diria de Nora que era uma beleza clássica, mas tinha sentido de humor e encanto para dar e vender, e era mestra na arte de fazer com que tudo parecesse simples. E eu sempre tive um fraquinho por pessoas que me abordassem com determinação. Ela foi não só persistente mas também paciente no modo como me seduziu.

Nos meses seguintes, tornámo-nos cada vez mais próximas e eu fiquei a saber que alguns tipos da zona trabalhavam secretamente para ela, o que me tranquilizou. Sentia-me inebriada pela aventura ilícita que Nora simbolizava. Quando ela ficava na Europa ou no Sudeste Asiático durante muito tempo, eu quase me mudava para sua casa, para tomar conta dos seus adorados gatos pretos, Edith e Dum-Dum. Ligava a estranhas horas da noite do outro lado do mundo para saber como os gatinhos estavam e ouviam-se estalidos secos e zunidos na